



**Revista PsiPro**  
*PsiPro Journal*  
3(1): 83-99, 2024  
ISSN: 2763-8200

## **DA BRUTALIDADE À ESCRIVIVÊNCIA: CORTES CIRÚRGICOS NA CONSTRUÇÃO DAS REALIDADES OUTRAS**

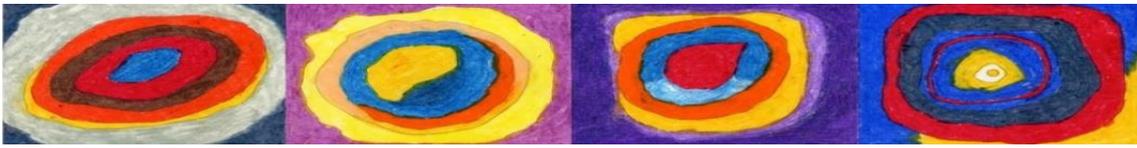
FROM BRUTALITY TO WRITING: SURGICAL CUTS IN  
THE CONSTRUCTION OF OTHER REALITIES

Recebimento do original: 21/01/2024  
Aceitação para publicação: 26/02/2024

**Waldenilson Teixeira Ramos**

Mestrando na Universidade Federal Fluminense (UFF). E-mail:  
waldenilsonramos@id.uff.br

**RESUMO:** Este manuscrito se propõe como uma análise crítica centrada na escrita e em seu papel político-social, visando contribuir para os estudos sobre a subjetividade negra contemporânea. O foco recai sobre a escrevivência e o cuidado de si como expressões de resistência negra nas tecnologias da escrita. Explora-se a experiência negra como uma fronteira material que conecta palavra e vida, fundamentando a escrita em uma ética permeada pela sintonia entre existência e expressão. A escrevivência é delineada como uma técnica específica da escrita de si, representando uma resistência que aspira a modos alternativos de vida. Nesse contexto, considera-se a escrita como um instrumento de visceralidade, onde a performance e os gestos da escrita desempenham uma função etopoiética. Este estudo teórico se embasa em descobertas provenientes das pesquisas foucaultianas, dos estudos decoloniais e das proposições sobre o "Racismo Estrutural" elaboradas por Silvio Almeida (2019). A abordagem adotada está alinhada aos princípios da Psicologia Social Crítica, reforçando que, assim como a escrevivência proposta por Evaristo (2017), a escrita se entrelaça com a força de uma resistência negra. Esta resistência não se limita apenas à esfera macropolítica,

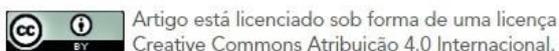


estendendo-se às micropolíticas, sendo crucial para abordar as dimensões individuais e estruturais no enfrentamento do racismo.

**PALAVRAS-CHAVE:** Subjetividade Negra. Resistência. Ética. Vidas Negras. Escrita.

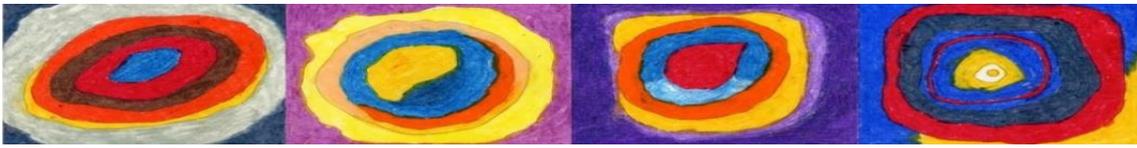
**ABSTRACT:** This manuscript is intended as a critical analysis centered on writing and its social-political role, with the aim of contributing to studies on contemporary black subjectivity. The focus is on writing and self-care as expressions of black resistance in the technologies of writing. It explores the black experience as a material frontier that connects word and life, basing writing on an ethic permeated by the harmony between existence and expression. Writingsurvival is outlined as a specific technique of self-writing, representing a resistance that aspires to alternative ways of life. In this context, writing is seen as an instrument of viscosity, where the performance and gestures of writing perform an ethopoietic function. This theoretical study is based on findings from Foucauldian research, decolonial studies and the propositions on "Structural Racism" elaborated by Silvio Almeida (2019). The approach adopted is aligned with the principles of Critical Social Psychology, reinforcing that, just like the writvencia proposed by Evaristo (2017), writing is intertwined with the strength of black resistance. This resistance is not limited to the macro-political sphere, but extends to the micro-political, and is crucial to addressing the individual and structural dimensions of confronting racism.

**KEYWORDS:** Black subjectivity. Resistance. Ethics. Black lives. Writing.



## INTRODUÇÃO

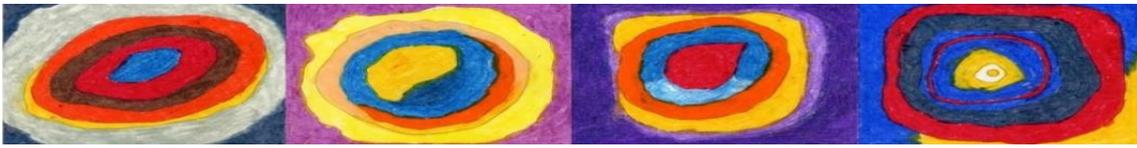
George Floyd, um homem negro, ficou infelizmente conhecido em 25 de maio de 2020, quando foi vítima de uma brutal ação policial em Minneapolis, Minnesota, nos Estados Unidos (G1, 2020). Indaga-se



sobre os motivos de sua morte: vinte dólares falsos, a compra de um maço de cigarros no momento inoportuno ou o desemprego decorrente de uma pandemia viral imprevista? Questiona-se o que leva um homem a perder a vida com o joelho de um policial em seu pescoço, com seu rosto pressionado contra o asfalto em plena luz do dia. A quantia de vinte dólares, aparentemente, não foi suficiente para garantir a respiração desse homem, evidenciando, pelos relatos midiáticos, uma negação universal do direito à respiração.

Em 2019, estatísticas revelam que, a cada 24 horas, cinco vidas eram ceifadas por forças policiais no Estado do Rio de Janeiro, totalizando alarmantes 1.814 homicídios cometidos por policiais. Este dado sombrio ganha contornos ainda mais chocantes quando se constata que 78% das vítimas dessas ações policiais são pretas e pardas, caracterizando um verdadeiro genocídio da população negra (Coelho, 2020). O caso de Ágatha Vitória Sales Félix, uma criança de apenas 8 anos, é emblemático: alvejada nas costas por um policial militar enquanto retornava para casa com a mãe, torna-se inquestionável a injustificável violência policial. Contudo, a própria mãe de Ágatha contribui para a problemática ao afirmar: "É o negro que passa essa insegurança" (Coelho, 2020, p. 1).

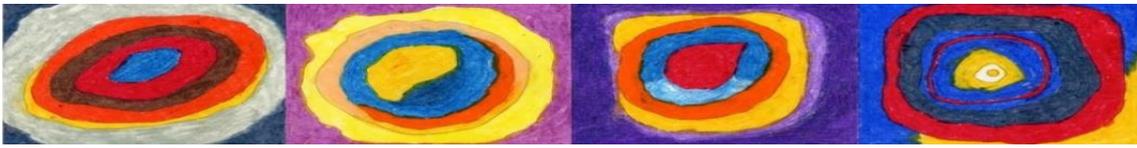
João Pedro Mattos Pinto, com apenas 14 anos, foi vítima de mais de setenta disparos efetuados pela polícia. O adolescente estava em casa, interagindo com amigos quando, de maneira abrupta, a polícia invade o local. Num reflexo do entendimento generalizado das condições de violência enfrentadas por corpos negros no Brasil, João Pedro tenta fugir, mas é atingido pelas costas. Alega-se que a ação policial fazia parte de uma operação de busca e apreensão de Ricardo Severo, conhecido como Faustão, um dos líderes do Complexo do Salgueiro (G1 Rio, 2020). Isso suscita a reflexão sobre o que é



acionado nas forças policiais ao ser mencionada uma "busca e apreensão" e por que uma abordagem tão brutal se torna possível nesse contexto operacional.

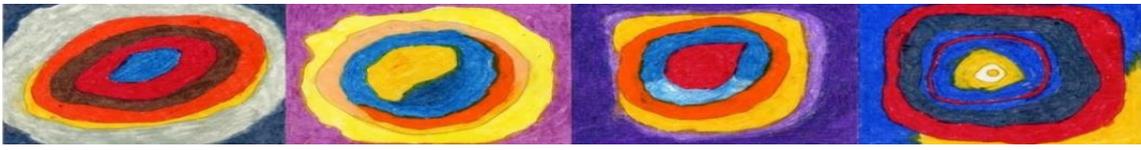
Diante do quadro estrutural da sociedade, a lógica de aniquilação racial torna-se ainda mais evidente. As notícias e questionamentos mencionados anteriormente destacam o racismo institucional que permeia o Brasil. Como lidar com uma realidade aparentemente estabelecida e amplamente divulgada como uma história encerrada? Que experiência pode ser compartilhada no plano comum da existência da população negra brasileira? Esses são dilemas cruciais que exigem uma abordagem abrangente não apenas em termos macropolíticos, mas também atentando-se às resistências micropolíticas, reconhecendo a importância das dimensões singulares e estruturais na enfrentamento do racismo.

Conceição Evaristo (2014), ao proferir a frase "Eles combinaram de nos matar, mas nós combinamos de não morrer" (p. 7), deixa claro o compromisso estabelecido com a negritude, ressaltando a vitalidade contínua do movimento de negritude. Este movimento, assemelhando-se a um coração que impulsiona o sangue em um corpo, encontra força vital nas diversas produções negras. Personalidades como Conceição Evaristo, Silvio Almeida, Bell Hooks, Bia Ferreira, Neuza Santos, Djamilia Ribeiro e outros ganham relevância na esfera pública, contribuindo com suas escritas para a pulsante vitalidade desse grande coração. Este artigo estabelece este panorama como questão problema a se analisar, esquadrihando a vitalidade que pulsa das escrita negras no Brasil, marcando as performances de suas existências como um bisturi que corta o real e, de forma cirúrgica, faz com que a subjetividade negra floresça.



A inquietação em relação à história que persiste e instiga a ser minuciosamente investigada, explorada a cada virar de página, impulsiona o processo de escrita e submissão deste trabalho. Urge a necessidade de, por meio das linhas da escrita, forjar modos decoloniais de realizar a ciência. Neste sentido, ancora-se, neste artigo, em proposições norteadoras de quatro autoras fundamentais: Souza (2018), Chimamanda (2015), Moraes e Tsallis (2016) para pensar os espectros na colonialidade.

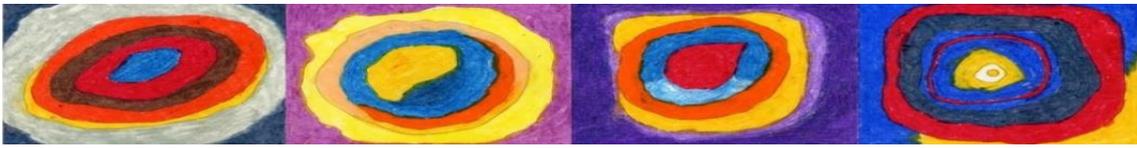
"(...) o subalterno não é aquele que não tem voz, mas é aquele que é continuamente falado pelo desejo do outro." (Souza, 2018, p. 28). Desta maneira, Souza alinha-se a Adichie (2015) ao enfatizar a importância de grupos minoritários se expressarem e criarem fissuras na história única, ou seja, nas narrativas contadas pelos colonizadores que reproduzem hierarquias hegemônicas, silenciando as alteridades. Para Souza (2018), o discurso produzido por corpos subalternizados difere da Literatura Canônica devido à sua capacidade de transcender a representação utilizada pelos discursos hegemônicos, que, ao se aterem à dicotomia entre ficção versus realidade, limitam as potencialidades da vida. No discurso expressivo, a intimidade do autor com o tema permite uma forma única de produção estética capaz de narrar cenas e elementos da vida de maneira potencializada, subvertendo a lógica eurocêntrica. Essa insurgência ocorre à medida que, nesta Literatura Menor, o autor transcende a posição de subalternidade, onde o silenciamento ou estereotipização são sistemáticos. Assim, embora a enunciação comece com um indivíduo, ela adquire caráter público e, portanto, político. Dessa forma, tal escrita marcada torna-se uma resistência ao se configurar como uma forma de engajamento coletivo na enunciação, de denúncia contra as amarras coloniais e de reinvenção da própria memória.



Além disso, é a partir dessa abordagem coletiva na narrativa de suas próprias histórias, permeada pela vivência dos autores, que se torna possível se conectar à Moraes e Tsallis (2016). Para elas, a noção de neutralidade científica é ditada por concepções eurocêntricas, pois oculta as marcas do pesquisador e, ao fazê-lo, universaliza-os. Assim, acreditando no papel feminino na ciência, que consiste em marcar as interseccionalidades que nos atravessam, opta-se não apenas por se alinhar ao coletivo que acompanha a escrita – conforme mencionado anteriormente –, mas também posicionam-se como sujeitos históricos e, portanto, sujeitos à contestação. Dessa forma, aposta-se em uma disputa epistêmica, na qual as narrativas de corpos subalternizados surgem para questionar as verdades coloniais, ao mesmo tempo que repovoam o mundo com as alteridades de suas histórias. Assim, emerge a urgência de escrever.

## **DIREÇÕES POLÍTICO-TEÓRICO-METODOLÓGICAS DE CONFEÇÃO**

Este trabalho surge como resultado de uma série de reflexões que permeiam e mobilizam as mãos envolvidas nesta composição. Consciente de todas as formas de mutilação do corpo social presentes na realidade brasileira, este artigo se configura como um ato de resistência e afirmação à vida, destacando-se como expressão da multiplicidade humana. Os compromissos decoloniais permeiam cada linha deste trabalho, guiando-o no movimento de resistir e propondo abordagens inventivas da escrita literária para confrontar os desafios frente a colonialidade. Dessa forma, dedicado a pensar a Psicologia Social em diálogo com as contribuições da Literatura, visa-se construir

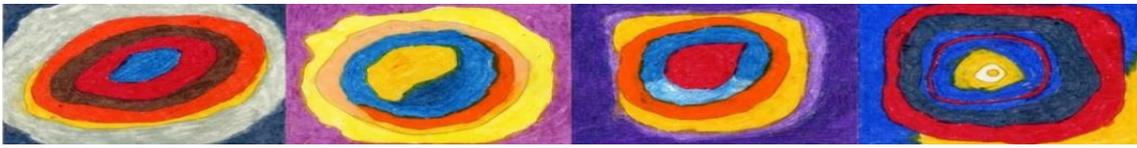


mundos não sacramentados, antifascistas e expressivos da multiplicidade.

Além disso, torna-se evidente que o sujeito ético é formado por meio de um constante trabalho sobre si mesmo. Conforme salientado por Flávia Lemos (2016), deslocar-se e transformar-se por meio de práticas estéticas implica em um processo contínuo de escrever, ler, reler, trocar correspondências e forjar amizades, contribuindo para a subjetivação e objetivação. A compreensão de nossa relação com a verdade e as regras que a constituem é construída através da análise das múltiplas e heterogêneas relações que atravessamos, buscando resistir e desenvolver táticas de luta (Lemos, 2016).

Nessa perspectiva, torna-se imperativo considerar a escrita como instrumento de visceralidade. A investigação da escrita sob a ótica política, intrínseca a ela, emerge como um objeto de estudo urgente para mapear as forças que constituem nossa formação. A escrita, longe de ser apenas um procedimento codificativo com fins expressivos e comunicativos, revela-se como um ato situado em uma conjuntura específica. Engajado em um processo agonístico consigo mesmo e com o mundo, procura-se aqui repensar a literatura como um procedimento cirúrgico das visceralidades da carne, sendo um bisturi de um real que se molda em formas aniquilatórias da diferença.

Frente ao quadro estrutural da sociedade, a lógica de aniquilação racial se torna ainda mais evidente, refletindo-se nas notícias apresentadas anteriormente e nas questões que fomentam o racismo institucional no Brasil. Como lidar com uma realidade que parece estar estabelecida e amplamente divulgada como uma história encerrada? Qual experiência pode ser compartilhada no plano comum da existência da população negra brasileira? Abordar o racismo apenas

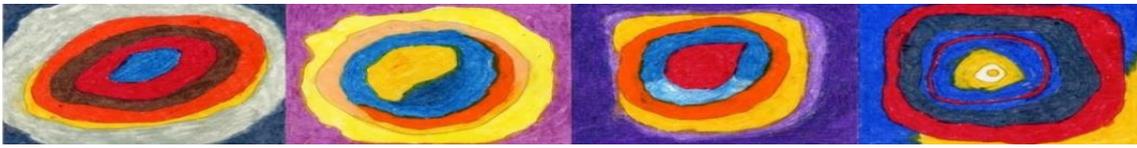


em sua esfera macropolítica revela-se insuficiente para trazer à luz suas diversas manifestações. É essencial incorporar as dimensões individuais e estruturais para criar abordagens mais abrangentes do problema (Almeida, 2019). Buscamos, assim, não apenas resistências macropolíticas, mas também resistências microfísicas, em um cuidado minucioso que reconhece a importância das dimensões singulares e estruturais na criação de modos alternativos de enfrentamento do problema.

### **CORPOS E CORTES: LITERATURA COMO RESISTÊNCIA NO MUNDO DECOLONIAL**

Abordar a colonialidade é, primordialmente, discutir corpos – corpos estes que foram dizimados, apagados e relegados, ao longo de séculos, a uma posição de subalternidade, excluídos de sua própria narrativa. Aníbal Quijano (2005) caracteriza a produção histórica da América Latina como possivelmente a maior destruição sociocultural e demográfica conhecida, envolvendo a aniquilação de padrões de poder e civilização, o extermínio físico e a impossibilidade de preservação de produções artísticas, intelectuais e científicas. O autor destaca que "em outros termos, a América Latina foi tanto o espaço original como o tempo inaugural do período histórico e do mundo que ainda habitamos" (2005, p. 9), sendo a primeira entidade ou identidade histórica atual do sistema-mundo colonial/moderno e de todo o período da modernidade.

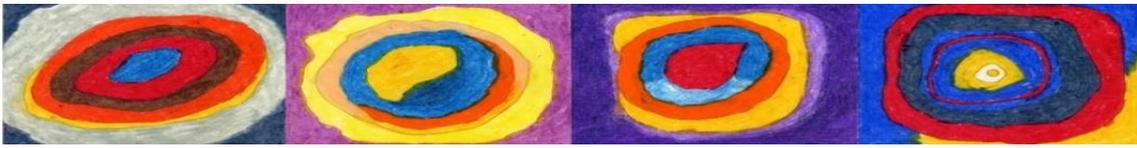
O processo que fundamentou essa construção, estabelecendo a colonização como crucial para o avanço econômico e civilizatório, teve implicações diretas na configuração da ciência. Considera-se, então,



aqui as repercussões sofridas pela produção literária contemporânea. Canclini (1998) justifica o déficit na democratização cultural através de comparações entre as taxas de analfabetismo na Europa e na América do Sul, argumentando que, se no mundo moderno ser culto significa ser letrado, até 1920 essa era uma realidade inatingível para mais da metade da população latino-americana. Desse modo, os desajustes entre modernismo e modernização resultam na manutenção da hegemonia das classes dominantes no campo artístico, determinando como e quais histórias devem ser contadas.

Hoje, o pensamento decolonial não se propõe mais como um projeto de libertação das colônias, em vista da consolidação dos Estados-nação, mas sim como a descolonização epistêmica e socialização do conhecimento. Nesse contexto, propomos a literatura como forma de desobediência epistêmica (Mignolo, 2008).

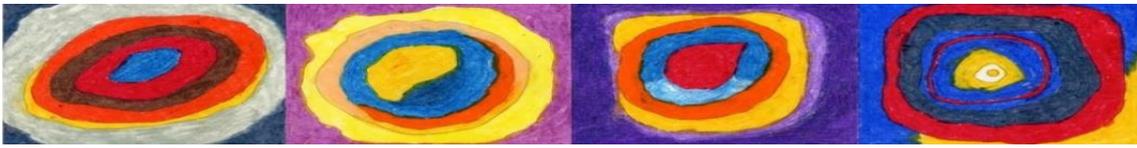
Diante da naturalização de práticas neofascistas e brutais ao direito de respirar e as implementações coloniais e operante em nosso tempo, torna-se urgente reconhecer as múltiplas tarefas urgentes que precisamos assumir ao comprometer-nos com mundos outros. Neste trabalho, a obra de Beatriz Adura Martins (2017), "Por uma escrita dos restos: O encontro entre a psicologia e os assassinatos de travestis", assume importância vital para a reflexão que deseja-se aqui ser empreendida, pois opera nas ficções e convenções sociais da contemporaneidade os cortes e disputas do campo político em ato escrito. "Ela atravessa, redesenha e monta, como no cinema, um pedaço de carne viva. Uma boca sem dono, a pele de ninguém, a víscera desalojada do interior do organismo, a cartilagem extirpada dos ossos contam histórias sobre o extermínio de vidas..." (Baptista, 2017, p. 1). O gesto de sua escrita representa um corte preciso como o de uma navalha, denunciando as práticas cotidianas de violência e



extermínio de qualquer diferença, discursos e apresentações da brutalidade vivida como naturais e inevitáveis. "Fronteiras em que o viver e o morrer desvencilham-se do contágio da multiplicidade dos modos de existir, tornando-o únicos, inquestionáveis como dádiva, ou estorvo, da natureza ou do destino" (Baptista, 2017, p. 2). A obra materializa a escrita literária como uma performance de enfrentamento e proposição inventiva, denunciando e instituindo práticas de resistência e expressão da multiplicidade da força decolonial. Certamente, trata-se de uma literatura das visceralidades do mundo que enfrentamos e do que buscamos, uma literatura que, em todo o seu procedimento bisturi, corta e faz fissuras em um mundo político operado pela aniquilação, ao mesmo tempo que realiza remendos na memória, possibilitando o estabelecimento de novas relações com o passado.

### **ESCREVIVÊNCIA E CUIDADO DE SI: RESISTÊNCIA NEGRA NAS TECNOLOGIAS DA ESCRITA**

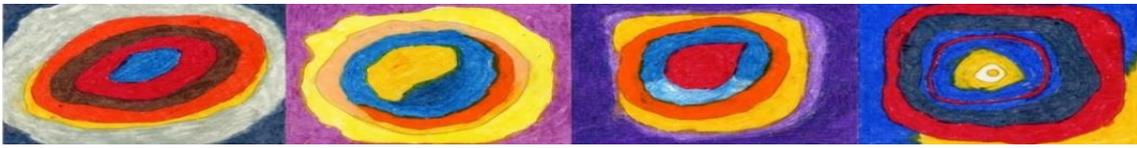
"Eles acordaram para nos matar, mas nós acordamos para não morrer." – desta forma, Conceição Evaristo deixa explícito o pacto com a negritude, o compromisso de não se render (2014, p. 7). O movimento da negritude persiste e pulsante – como um coração que trabalha incessantemente para fazer o sangue circular e dar vida a um corpo. Corpos negros têm encontrado essa vitalidade nas diversas produções negras. Figuras como Conceição Evaristo, Silvio Almeida, Bell Hooks, Bia Ferreira, Neuza Santos, Djamila Ribeiro e outros têm ganhado relevância na esfera pública. Pessoas negras que, por meio



de suas produções, têm possibilitado e visibilizado outras enunciações, modos de vida, e formas alternativas de perceber e sentir o mundo.

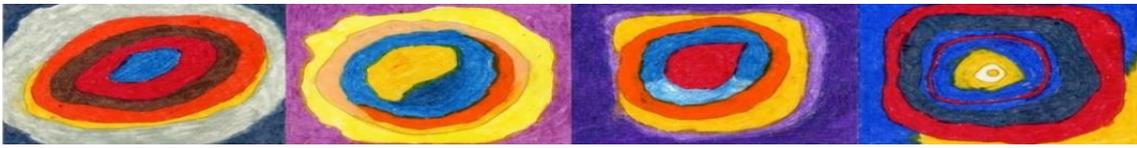
Compreendendo que a dimensão da escrita tem como ponto de partida uma enunciação suficientemente possível, como uma aposta em transformar o ato de dizer em uma realidade manifestada pela incorporação de sujeitos escrevientes – nos quais, por meio dos restos, outros planos de existência se configuram, essa aposta poderá nos leva a questionar: que realidade pode ser entoada à luz do enunciado para contar e escrever o que se deseja dizer – seja em monografias, músicas, artigos ou cadernos íntimos? Que outras realidades paralelas podemos explorar para expressar o indizível – reconhecendo a arbitrariedade do jogo das proposições? Considerando que toda escrita é a enunciação do que é e não é ao mesmo tempo, estas perguntas não seguem o primado do método de escrita. Sob essa perspectiva, busca-se abordar a dimensão da escrita como mais uma possibilidade de gestos de dizeres, nos quais se entrelaça a materialidade do escrito e a relação ética consigo mesmo – reconhecendo as paralelidades do real como formas de resistência às forças de morte presentes na contemporaneidade.

A experiência negra revela a fronteira material que a palavra e a vida podem entoar quando nos propomos a transformar o escrito em oralidade, em uma dimensão ética transpassada pela sintonia entre vida e escrita, alinhada às disputas narrativas. Nesse jogo, a escrita se torna mais do que meras palavras em papel; ela se configura como escrevivência (Evaristo, 2017). Ao contarmos histórias, disputamos as paralelidades do real que estamos dispostos a criar, ao mesmo tempo que nos expomos ao risco do dizer (Foucault, 2014) – onde se torna perigoso enunciar quem verdadeiramente se é, em sua mais profunda interioridade e, nisto, se cristalizando e se fechando as transformações



possíveis, não explorando suas potências de ser — se a assentando nos ditos da essência. Talvez, a única diferença entre o ato de escrever e o do poeta seja a estética; é pela ética de vida que o que se escreve se materializa como realidade, verdade e ficção. Vinicius de Moraes (2008), ao afirmar “Eu sou negro de cor mas tudo é só amor em mim,” conta e inventa, fazendo jus ao que Gilberto Gil (1982) admite na canção “Metáfora”: “Uma lata existe para conter algo/Mas quando o poeta diz 'lata'/ Pode estar querendo dizer o incontível”. Assim, é por meio dos relatos do incontível, tornando possível outro modo de ver e perceber o mundo — o tão chamado real — que compreendemos a atitude ética, política e estética da escrita como prática dos/de enunciados.

Comprometidos com formas de resistência, a negritude tem encontrado forças em certas tecnologias da escrita (Foucault, 2007). Nas sombras de um gerenciamento ficcional de horror vivido materialmente pelos corpos negros, exploram-se as múltiplas facetas de uma escrita que atravessa o corpo de quem a produz e, ao mesmo tempo, é um preparo para a vida. “Como elemento de treinamento de si, a escrita tem, para utilizar uma expressão encontrada em Plutarco, uma função etopoiética: ela é a operadora da transformação da verdade em êthos” (Foucault, 2015, p. 147). Delineando um recorte relevante para esta pesquisa, a escrevivência — “[...] a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil” (Oliveira, 2009; p. 2) — é o foco central deste estudo teórico. A escrevivência é considerada uma das técnicas da escrita de si e da relação de cuidado consigo mesmo e com o outro, pela contração de uma resistência que visa outros modos de vida, inventando novos espaços de combate à necropolítica (Mbembe, 2017). O movimento da negritude, por meio de músicas, livros, pesquisas, contos e outras formas de produção

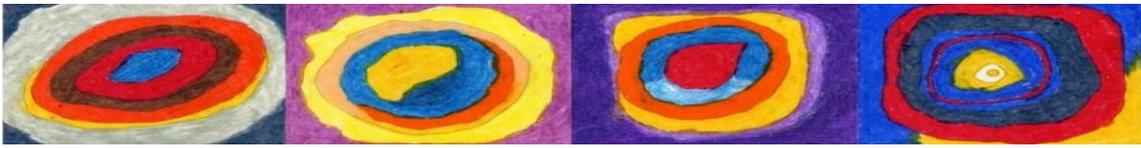


textual, tem cumprido o contrato expresso no depoimento de Conceição Evaristo: uma contra-compactuação da morte. Nas combinações de vida, seja pela universalidade ou apenas pela possibilidade de respirar, é por meio da escrita que encontra-se a fissura na vontade de contar, dizer e perpetuar uma ancestralidade ética que permanece viva naqueles que estão aqui, marcando a história brasileira com tinta e papel. Portanto, este trabalho visa trilhar e evidenciar a construção dos corpos e da vida como a arte de escrever em meio às disputas políticas contemporâneas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS OU CONCLUSÕES**

Defronte a uma determinada ficção de horror vivida pelos corpos negros, se faz a necessidade urgente de resistir, para que muito corpos, em especial as dissidências minoritárias, possam existir. Compromissados com as formas de resistência, a negritude tem encontrado forças em tecnologias de escrita de si (Foucault, 2007). Tensionar as múltiplas facetas de uma escrita que atravessa o corpo de quem o escreve é certamente um preparo à vida. Realizando um recorte a que interessa investigar, a escrevivência – “[..]a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil.” (Oliveira, 2009) – é o objeto central desta pesquisa, a escrevivência como uma das técnicas da escrita de si. Evidenciando a brutalidade que se endereça aos corpos negros, a escrita, certamente, se fez como modo de resistir.

Em paralelo aos compromissos da Psicologia Social e às contribuições que a Literatura pode fornecer na luta dos direitos humanos, interessou desdobrar ferramentas ontológicas que tenham

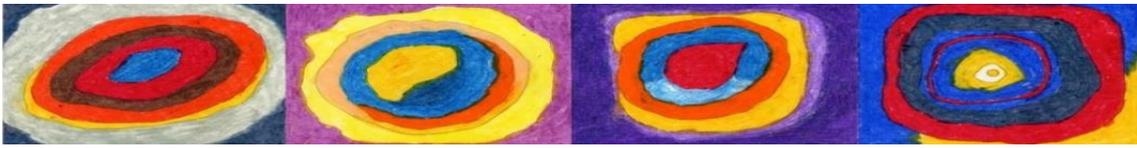


como travessia as vísceras do mundo, fissuras possíveis no real e denunciar os remendos que negam a memória. Por fim, desejou-se pôr o gesto literário como esta operação tão fundamental para a construção de outros mundos, um fazer decolonial.

A cruel morte de George Floyd, em 25 de maio de 2020, ecoou como um grito de dor e indignação em face da brutalidade policial. Suas circunstâncias, questionando se vinte dólares falsos, a compra de cigarros ou o desemprego justificam uma vida ceifada, evidenciam a chocante realidade que a população negra enfrenta. O impacto no Brasil, onde 78% das vítimas de homicídios policiais são pretas e pardas, como Ágatha Vitória Sales Félix e João Pedro Mattos Pinto, ressalta a dimensão alarmante do racismo institucional.

Frente a esse panorama estrutural, a discussão sobre o racismo transcende a esfera macropolítica. A abordagem proposta por Almeida (2019) destaca a necessidade de explorar as dimensões individuais e estruturais, permitindo abordagens mais abrangentes para enfrentar o problema. A resistência negra, expressa nas palavras de Conceição Evaristo, ressoa como uma promessa de não morrer, alimentando-se das múltiplas produções de figuras como Silvio Almeida, Bell Hooks e outros.

A reflexão sobre a escrita, como apontado por Foucault (2014), revela-se como uma ferramenta poderosa na construção de realidades alternativas. A escrevivência, explorada por Evaristo (2017), torna-se a técnica central de pesquisa, proporcionando não apenas uma narrativa, mas uma resistência encarnada. A escrita, como prática dos/de enunciados, revela sua dimensão ética, política e estética, moldando outros modos de ver e perceber o mundo, como destacado por Vinicius de Moraes (2008) e Gilberto Gil (1982).



Neste contexto, a negritude encontra forças nas tecnologias da escrita, utilizando-as como instrumento de resistência e preparo à vida. A pesquisa proposta visa evidenciar a confecção dos corpos e da vida como uma forma de escrever em meio às disputas políticas contemporâneas. Ao seguir essa trilha, busca-se não apenas compreender, mas transformar a história brasileira, rompendo com a lógica da morte imposta e resgatando a ética das vidas que permanecem marcadas à caneta na narrativa do país.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Silvio (2019). **Racismo Estrutural**. 1. ed. São Paulo: Pólen Livros.

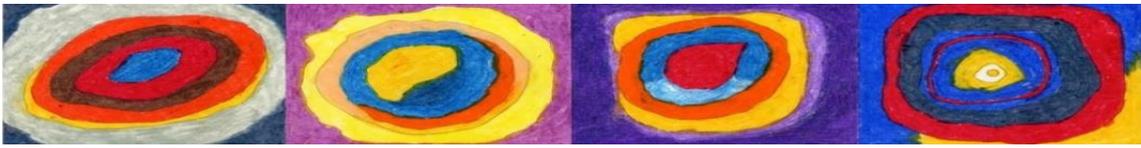
BAPTISTA, Luís (2017). **Por uma escrita dos restos: O encontro entre a psicologia e os assassinatos de travestis**. 1. ed. Rio de Janeiro: Gramma.

BISPO, Tainã. (2019). **Ninguém solta a mão de ninguém: manifesto afetivo de resistência e pelas liberdades**. São Paulo: Claraboia.

BORGES, Adriana Evaristo (2010). **Vinícius De Moraes: Cultura E História (1930-1970)** [Dissertação]. Goiânia: Universidade Federal De Goiás Faculdade De História Programa De Pós-Graduação Em História. Disponível em <[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/ADRIANA\\_EVARISTO\\_BORGES.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/113/o/ADRIANA_EVARISTO_BORGES.pdf)>. Acesso em 20/02/2024.

CANCLINI, Néstor García (1998). **Culturas híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade**. Trad. Heloísa P. Cintrão e Ana Regina Lessa. 2.ed. São Paulo: Edusp.

**CASO George Floyd: morte de homem negro filmado com policial branco com joelhos em seu pescoço causa indignação nos EUA**. G1, Mundo, 27 de Maio de 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/mundo/noticia/2020/05/27/caso-george->



[floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml](https://www.globo.com/brasil/noticia/2020/06/06/floyd-morte-de-homem-negro-filmado-com-policial-branco-com-joelhos-em-seu-pescoco-causa-indignacao-nos-eua.ghtml)>. Último acesso em 20 de fevereiro de 2024.

**CASO João Pedro.** WIKIPÉDIA; 2020. Disponível em: <[https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso\\_Jo%C3%A3o\\_Pedro](https://pt.wikipedia.org/wiki/Caso_Jo%C3%A3o_Pedro)>. Acesso em 20/02/2024.

COELHO, M (2020). **Pretos e pardos são 78% dos mortos em ações policiais no RJ em 2019: 'É o negro que sofre essa insegurança', diz mãe de Ágatha.** G1 - Globo, 06 de junho 2020. Disponível em: <<https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2020/06/06/pretos-e-pardos-sao-78percent-dos-mortos-em-acoes-policiais-no-rj-em-2019-e-o-negro-que-sofre-essa-inseguranca-diz-mae-de-agatha.ghtml>>. Acesso em 20/02/2024.

EVARISTO, Conceição (2017). **Becos de memória.** 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas Editora.

EVARISTO, Conceição (2014). **Olhos D'Água.** 1. ed. Rio de Janeiro: Pallas.

FRANCO, Luiza (2020). **Caso João Pedro: quatro crianças foram mortas em operações policiais no Rio no último ano.** Jornal Online BBC News Brasil, 20 maio 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-52731882>>. Último acesso em 20/02/2024.

FOUCAULT, Michel (2010). **A hermenêutica do sujeito.** 3. ed. São Paulo: WMF Martins Fontes.

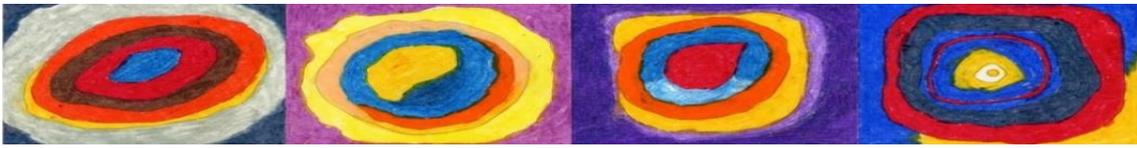
FOUCAULT, Michel (2004). **Ditos e Escritos - Vol. V - Ética, Sexualidade, Política: Volume 5.** Trad. Elisa Monteiro, Inês Autran Dourado Barbosa. 1. ed. São Paulo: Editora Forense Universitária.

FOUCAULT, Michel (2014). **História da sexualidade vol. II O uso dos Prazeres.** 5. ed. Rio de Janeiro: Ed. Graal.

FOUCAULT, Michel (2007). **História da sexualidade vol. III O cuidado de si.** Rio de Janeiro: Ed. Graal.

FOUCAULT, Michel (2014). **Microfísica do poder.** 28. ed. São Paulo: Paz & Terra.

FOUCAULT, Michel (1992). **O que é um autor?.** Lisboa: Passagens.



FUKS, Julián (2013). **A resistência**. 1. ed. São Paulo: Companhia das letras.

GIL, Antônio Carlos (1982). **Metáfora**. Gravadora Warner Music Brasil; álbum Um Banda Um; faixa 3.

LEMONS, Flávia Cristina Silveira; NASCIMENTO, Maria Livia do; GALINDO, Dolores, 2016. Escrita, psicologia e produção de cuidado: ética, estética e política. **Revista Arquivos Brasileiros de Psicologia**; vol. 68, n.1, p. 84-94, Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arpb/v68n1/v68n1a08.pdf>>. Acesso em: 20/02/2024.

MBEMBE, Achille (2020). **O direito universal à respiração**. N-1 Disponível em <<https://n-1edicoes.org/020>>. Acesso em: 20/02/2024.

MBEMBE, Achille (2018). **Necropolítica**. 3. ed. São Paulo: N-1.

MARTINS, Beatriz (2017). **Por uma escrita dos restos: o encontro entre a psicologia e os assassinatos de travestis**. 1. ed. São Paulo: Gramma Livraria e Editora.

MIGNOLO, Walter D (2008). Desobediência epistêmica: a opção descolonial e o significado de identidade em política. **Cadernos de Letras da UFF – Dossiê: Literatura, língua e identidade**, no 34, p. 287-324.

MORAES, Márcia; TSALLIS, Alexandra (2016). Contar histórias, povoar o mundo: a escrita acadêmica e o feminino na ciência. **Revista Polis e Psique**, Porto Alegre, RS, v. 6, n. 1, p. 39-50.

SOUZA, Rafael Nascimento de (2020). **Fogo Cruzado: Um ano após morte da pequena Ágatha Félix, Rio teve 28 crianças baleadas; oito delas morreram**. Jornal Online Extra, 21 de setembro de 2020. Disponível em <<https://extra.globo.com/casos-de-policia/fogo-cruzado-um-ano-apos-morte-da-pequena-agatha-felix-rio-teve-28-criancas-baleadas-oito-delas-morreram-24650686.html>>. Acesso em: 20/02/2024.